



O que a teorização lacaniana dos discursos nos ensina sobre o laço contemporâneo?

What does Lacanian theorizing of discourses teach us about the contemporary bond?

Kelly Brandão¹
kcbsilva@unicamp.br

Resumo: O texto analisa o laço contemporâneo, a partir da teoria dos discursos de Jacques Lacan, com destaque para o discurso do capitalista. Discurso foi definido como laço social e Lacan, inicialmente, estabeleceu que haveria quatro formas. Todavia, ele subverteu sua própria tese agregando outro discurso: o discurso do capitalista. A introdução de mais um discurso evidencia que precisamos nos debruçar sobre os possíveis efeitos discursivos desse novo modo contemporâneo de se relacionar com os infindáveis objetos criados pela tecnociência. Conclui-se que a noção de discurso proposta por Lacan constitui um dispositivo que permite não apenas analisar diversos contextos, mas também intervir no campo social.

Palavras-chave: Lacan; discursos; tecnociência.

Abstract: The text analyses the contemporary bond, from the Lacanian theory of discourses, in particular the capitalist discourse. The discourse was defined as a social bond and, initially, Lacan was established that its forms were four. However, he reversed himself by adding another discourse to his thesis: the capitalist discourse. The introduction of one more discourse shows that we need to study the possible discursive effects of this new contemporary way of relating to the endless objects created by technoscience. It is concluded that the notion of discourse proposed by Lacan constitutes a device that allows not only to analyze diverse contexts, but also to intervene in the social field.

Key-words: Lacan; discourses; technoscience.

1 Professora e pesquisadora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), no Departamento de Desenvolvimento Humano e Reabilitação da Faculdade de Ciências Médicas (DDHR/FCM)

Discurso: a noção de laço

Lacan (1969-1970/1992) define discurso enquanto *liame social*. Em relação a esse termo, Jorge (1988, p. 158, grifos do autor) esclarece: o “termo *liame*, oriundo do latim *ligamen*, significando *ligação*, aquilo que prende uma coisa à outra, e o termo *social*, proveniente do latim *sociu*, significando *companheiro*, aquele que se associa com outro numa empresa”.

A chegada do filhote humano ao mundo, no que concerne às vicissitudes do encontro do bebê com seus cuidadores, explicita a importância do “banho de linguagem”, através do qual cada um de nós recebe um nome e um lugar na família, assim como a transmissão de uma língua, das tradições e costumes de uma comunidade, das leis que a regulam, além das particularidades específicas do desejo familiar – inconsciente. Jorge (1988, p. 157) destaca que “tendo, antes mesmo de seu nascimento biológico, a indicação de um lugar simbólico a ser ocupado, o falante se inscreverá numa realidade discursiva a partir do significante do Outro”. Lacan concebia o Outro como o “tesouro dos significantes”, uma ordem simbólica preexistente.

Apontar que a existência humana depende de uma inscrição em um campo simbólico preexistente significa que habitamos uma realidade discursiva que é anterior à nossa chegada ao mundo. A linguagem, meio através do qual o discurso vai se constituir, impõe-se dessa forma como um abismo intransponível entre o sujeito e o Outro. Dito de outro modo, o acesso do sujeito falante “está para sempre mediado pela linguagem. A cada vez que o sujeito quer tocar o mundo, este como que se afasta e o sujeito se vê de novo às voltas exclusivamente com a linguagem” (Jorge, 2002, p. 26). No entanto, essa mediação imposta pela linguagem não dá conta de toda experiência humana, restando sempre algo que *não cessa de não se inscrever*, pois como aponta Souza (2003, p. 105, grifo do autor), “por mais que o *sujeito* se utilize das palavras, não encontrará respostas suficientes sobre o que ele é ou quem ele é, pois as palavras não podem dizer tudo”.

O processo civilizatório, a fim de permitir o estabelecimento das relações entre as pessoas, exige a renúncia da tendência pulsional em tratar o outro como um objeto a ser consumido: sexual e fatalmente, já que a inclinação do homem é ser o lobo do homem. Em outras palavras, sem essa renúncia o ser humano tentaria dar livre vazão ao desejo de abusar, explorar, torturar e até matar, saciando no outro sua pulsão de morte erotizada (Quinet, 1999). Por isso, o discurso é tratado por Lacan como fundador do laço social, visto que “todo laço social implica um enquadramento da pulsão e resulta em perda de gozo. Todo discurso é, portanto, um aparelho de gozo” (Martinho, 2002, p. 150).

Obedecendo, segundo Goldenberg (1997, p. 15), a uma lógica rigorosa e “valendo-se de uma estrutura algébrica denominada ‘semigrupo de Klein’, com rígidas leis de composição”, Lacan (1969-1970/1992) formaliza a teorização sobre

os discursos, lembrando que esses criam “modos de posicionamento e de enlaçamento estáveis com o *outro*, os quais ele [Lacan] denominará como os quatro discursos” (Rahme, 2010, p. 49, grifo da autora).

Ao longo de seu ensino, Lacan formalizou suas teorizações a partir da associação combinatória de letras, a qual foi denominada *matema*. No que concerne aos matemas dos discursos, estes consistem na disposição ordenada e mutável das letras – *S1*, *S2*, *§*, *a* – em lugares fixos: verdade, agente, outro e produção. *S1* corresponde ao significante-mestre, pelo qual os outros significantes são ordenados; *S2* equivale ao saber constituído enquanto cadeia significante; *§* é o sujeito barrado, com sua divisão subjetiva e *a* é o objeto *a*, “mais-de-gozar”.

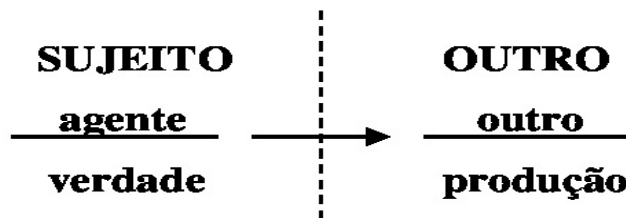


Fig. 1: Matema dos discursos lacanianos

Jorge (2002, p. 19) esclarece que “os discursos introduzidos por Lacan correspondem às estruturas mínimas de todo e qualquer liame social, sempre concebido como fundado exclusivamente na linguagem”. De acordo com Vidaurre e Martello (2017, p. 65), “os discursos tentam dar conta das diferentes formas de laço social e representam distintas posições frente à impossibilidade da relação sexual e do gozo”. Na teorização lacaniana, seriam quatro as formas possíveis de vínculo social entre os sujeitos: o discurso do mestre, da histérica, do analista e universitário.

É bom recordar que o próprio Lacan chama atenção para o fato de que seus quatro discursos recobrem as (três) atividades mencionadas por Freud como sendo, na verdade, profissões impossíveis, ou seja, lembra que esses discursos se referem fundamentalmente a impossibilidades (Jorge, 2002, p. 17).

Em relação a esse tema, Freud (1925/1969, p. 341), em *Prefácio a juventude desorientada, de Aichhorn*, afirma: “Em um primeiro estágio, aceitei o *bon mot* que estabelece existirem três profissões impossíveis – educar, curar e governar”. Em *Análise terminável e interminável*, Freud (1937/1969, p. 282) retoma essa argumentação, sublinhando que em relação a essas três profissões – lembrando que nesse texto ele já não fala em curar, mas sim em psicanalisar – “de antemão se pode estar seguro

de chegar a resultados insatisfatórios”. Como sublinha Rodrigues (2017, p. 666), “precisamente porque são profissões, ações, discursos, laços existentes, mas que contêm algo de impossível, sempre fracassam e, portanto, dão lugar a outros laços”.

Aos três modos de laço social apontados por Freud como fontes de sofrimento do ser humano – governar, educar e analisar –, Lacan acrescenta um quarto: fazer desejar. Sobre eles, Quinet (2006, p. 17, grifos do autor) considera:

Governar corresponde ao discurso do mestre/senhor, em que o poder domina; *educar* constitui o discurso universitário², dominado pelo saber; *analisar* corresponde ao laço social inventado no início do século XX por Freud, em que o analista se apaga como sujeito por ser apenas causa libidinal do processo analítico, e *fazer desejar* é o discurso da histérica dominado pelo sujeito da interrogação [...], que faz o mestre não só querer saber mas produzir um saber.

Os quatro discursos correspondem ao que Lacan considerou como os discursos radicais ou discursos oficiais. Quatro formas de laço social nas quais o inconsciente está em jogo e que se referem fundamentalmente a impossibilidades. Não podemos esquecer que a formalização desses discursos se deu durante o Seminário 17 – *O avesso da Psicanálise* – proferido entre 1969 e 1970, no contexto imediatamente posterior aos eventos de maio de 1968 que agitaram Paris.

A partir da concepção lacaniana, todo discurso implica necessariamente uma referência ao Outro. Em contrapartida, se estabelece um paradoxo, visto que “todo discurso é, por um lado, uma tentativa de estabelecer uma ligação entre o campo do sujeito e o campo do Outro, e, por outro, a confirmação de que um impossível radical vigora entre sujeito e Outro” (Jorge, 2002, p. 27). Daí o argumento de que todo discurso comporta uma impossibilidade, o que se demonstra através do famoso aforismo lacaniano – “Não há relação sexual” – o que equivale a dizer que não existe relação intersubjetiva. De modo algum afirmamos que não ocorrem relações entre os humanos, pois é claro que elas acontecem. Considera-se, contudo, que toda tentativa de ligação entre o campo do sujeito e do Outro comporta um fracasso estrutural, um *impossível radical*, como nomeia Jorge (1988, p. 160).

Ao tratar das duas profissões impossíveis definidas por Freud, o psicanalisar e o educar, Mrech e Rahme (2011, p. 13) concordam que ambas

[...] se veem diante de uma constatação, tal como aponta Lacan: não há relação sexual, ou seja, de uma maneira mais simples, nós podemos assinalar que, em nenhum desses campos, ocorre uma relação completa, perfeita, ideal ou adequada. Há sempre um descompasso, algo que escapa.

2 Aqui há que se fazer uma distinção entre educação e pedagogia. Concordo com Lajonquière (1999), quando este afirma que o ato de educar implica na transmissão de marcas simbólicas. Nessa perspectiva, educar refere-se ao discurso do mestre. Já a “pretensão pedagógica de um *ideal educativo* (qual o melhor modo de educar?)”, tal como explicita Voltolini (2011, p. 11, grifos do autor), aproxima a Pedagogia do discurso universitário.

Como bem aponta Voltolini (2011, p. 25, grifo do autor), “‘impossível’ não quer dizer ‘inexequível’, apontando, antes, para um *inalcançável* estrutural”.

Os discursos instituem diversas posições a serem ocupadas pelo sujeito, destacando-se que não é possível uma forma de viver restrita a um só laço discursivo, mesmo que haja tendência de dominância de um deles. Souza (2003, p. 108) ainda acrescenta que “cada um deles deve ser lido em função dos outros. Portanto, não existe um sem que os outros devam ser considerados”.

Um aspecto relevante da teoria lacaniana dos discursos é sua abertura a mudanças de posição do sujeito. Sobre essa possibilidade, Clavreul (1983, p. 175) exemplifica, a partir da posição do médico:

[...] a posição pessoal do médico procede necessariamente de cada um deles. No essencial, ele é discurso do mestre, no estabelecimento do diagnóstico e do prognóstico, na pesquisa, na sua constante posição de conquista em relação ao desconhecido da doença. Ele é também discurso universitário, quando, a partir do saber constituído da medicina, oferece a terapêutica como um benefício que restitui ao doente. Isto constitui no essencial o discurso médico propriamente dito, o qual oscila continuamente de um a outro, do discurso do mestre ao discurso universitário.

Também utilizando a posição do médico como metáfora da mudança de discurso, Quinet (1999) ainda considera a possibilidade do surgimento dos discursos do analista e da histérica. A emergência do discurso do analista pode ocorrer quando o médico, por exemplo, se cala e propicia ao paciente segredar aquilo que este último nem sabia que sabia. Interessante lembrar que a própria psicanálise nasce quando Freud institui a regra da associação livre, dispositivo inicialmente concebido a partir da provocação feita por uma paciente, que, diante das inúmeras intervenções de Freud, lhe diz: “Não fale comigo, não me toque, apenas me escute!” Já o discurso da histérica pode surgir quando o médico se vê impulsionado a se deter, a estudar e a escrever para produzir um saber provocado pelo caso de um paciente.

Os quatro discursos

Relativo ao discurso do mestre considera-se que ele é imperativo, prima pelo poder, pela ordem e representa, em Freud, o impossível concernente ao governar. Nesse discurso há a busca pela univocidade e pela dicotomia (‘ou isto ou aquilo’) e a conseqüente determinação de que o Outro trabalhe e produza saber. Essa forma de conceber o discurso do mestre aponta a referência (e conseqüente interpretação) de Lacan a respeito da dialética do Senhor e do Escravo de Hegel (Lacan, 1969-70/1992). Concernente a essa contribuição hegeliana, Megale (2003, p. 252) observa que o “saber do Senhor (agente) está situado no Escravo (outro) que é quem trabalha, se movimenta e produz objetos”.



Fig. 2: Matema do discurso do mestre

No que tange a esse discurso é importante ainda destacar que a preocupação do mestre não está em saber, mas ordenar para que se produza algo e, por isso, é o discurso mais recorrente nas instituições, justamente porque *institui*. Lacan (1969-70/1992, p. 123) sublinha essa faceta do mestre numa frase bem loquaz: “um verdadeiro senhor não deseja saber absolutamente nada – ele deseja que as coisas andem”. A respeito disso, Souza (2003, p. 109) aponta que aquilo que “preocupa o “amo” não é simplesmente o Saber que é produzido pelo escravo, mas um poder”.

Poder esse que se configura na tendência de domínio presente no discurso do mestre. Um domínio de todo o saber, para que dele nada escape. Daí a constante prevalência desse discurso em diversos contextos sociais, pois ele “impregna a cultura, levando as pessoas a buscarem as formas estandardizadas, os parâmetros ou as normatizações – tentativa essa de enquadrar a singularidade ao modelo social, em uma linguagem direcionada a todos” (Mrech; Rahme, 2011, p. 13).

Especificamente no âmbito da educação, Rahme (2010, p. 191) discute a atualização desse discurso, por exemplo, no tocante à massificação que muitas vezes se constata no processo de implementação da inclusão: “Certamente, podemos dizer que essa perspectiva aponta a dimensão de comando desse discurso em circulação quando, por exemplo, vale-se do imperativo “inclua!” como uma verdade absoluta, sem considerar questões referentes à particularidade do sujeito nesse processo”.

Apesar desse intuito de totalidade, de tudo querer controlar, é importante ressaltar a impossibilidade estrutural de tudo dominar, visto que “o sujeito não é unívoco” (Lacan, 1969/70/ 1992, p. 98).

No que concerne ao discurso da histérica, pode-se destacar toda sua fecundidade, em seu movimento – muitas vezes desafiador – de interrogação diante do mestre. “O *sujeito*, ao ocupar esse lugar de desejo, desafia a própria autoridade do mestre, do médico, muitas vezes do analista” (Souza, 2003, p. 115, grifo do autor).

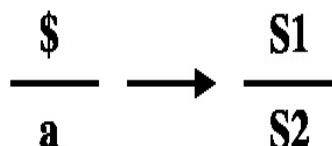


Fig. 3: Matema do discurso da histérica

Ainda em relação ao discurso da histérica, Lacan (1969-70/1992, p. 90)

assinala que o desejo em jogo é de que o outro seja um mestre, “que saiba muitas e muitas coisas, mas, mesmo assim, que não saiba demais [...]. Em outras palavras, quer um mestre sobre o qual ela [histórica] reine. Ela reina, e ele não governa”. Essa é a verdade velada nesse discurso: o mestre põe-se a produzir saber, incitado pelas interrogações, porém vê-se diante de uma falta estrutural, marcada pela impossibilidade de saber tudo sobre o desejo, o que denuncia a impotência que subjaz a toda ânsia de domínio.

No que tange ao discurso do analista, destaca-se o laço social instaurado por Freud, no qual o analista se dirige ao sujeito para que este produza um saber. Dessa forma, a função do analista é instigar o sujeito a querer saber daquilo que inconscientemente já sabe. Um saber da ordem de um enigma, que difere de um saber dito científico. Como afirma Martinho (2002, p. 162, grifo da autora), “ao situar, no discurso do analista, o saber (S2) no lugar da *verdade*, Lacan indicou que esse saber, como toda e qualquer verdade, tem estrutura de ficção, pois o que está em jogo é o saber do próprio sujeito, que produz seus significantes particulares”.

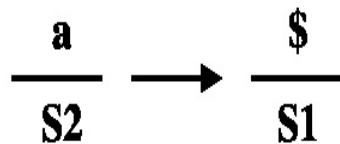


Fig. 4: Matema do discurso do analista

A radicalidade da descoberta da psicanálise – o inconsciente – a coloca, segundo Lacan (1969-1970/ 1992), como o avesso do discurso do mestre. É tarefa da psicanálise apontar o discurso do mestre, rompendo com as dicotomias e tornando o debate mais complexo. Segundo Serge André (1998), a psicanálise propõe uma relação diferente com o saber. Normalmente pensado como algo exato, unívoco e tangível, o saber – na atualidade – se acumula, está disponível, transbordante e acessível a todos e, paradoxalmente, parece não ter mais efeito algum sobre ninguém. A psicanálise, na contramão, expõe um saber que nos implica.

O saber psicanalítico não funciona, assim, em posição da verdade, a não ser na medida em que opera como saber furado, afetado por uma falha central – o que determina o estatuto da verdade enquanto semi-dizer. A psicanálise não permite *saber tudo*, pois o inconsciente *não diz tudo*. Lacan nos convida a compreender que essa falha não é da ordem de uma imperfeição que os progressos da pesquisa permitiriam preencher, mas sim que ela constitui a chave para a própria estrutura do saber. Convém, pois, dar forma afirmativa a nossa proposição: a psicanálise permite saber o ‘não-todo’, porque o inconsciente diz ‘não-todo’ (André, 1998, p. 10, grifos do autor).

O quarto discurso formulado por Lacan é o universitário. Nesse discurso exclui-se o desejo de saber, visto que há uma exigência de que se saiba tudo. Certamente ocorre uma tirania do saber, em que se prioriza a completude, de forma cristalizada.

$$\frac{S2}{S1} \longrightarrow \frac{a}{\$}$$

Fig. 5: Matema do discurso universitário

Souza (2003, p. 125, grifos do autor) enfatiza: “como um *Saber* organizado, ele passa a desempenhar uma condição conservadora e capaz de fazer obstáculo até mesmo à *produção* de novos significantes”. Dito de outro modo, nesse discurso parece só haver espaço para a confirmação dos saberes acumulados, o que efetivamente dificulta (e até mesmo impossibilita) a criação de algo novo. Clavreul (1983, p. 171) esclarece essa dimensão paralisante (e totalitária) desse discurso:

De certo modo, a universidade constitui, portanto, obstáculo ao surgimento de significantes novos se forem destruidores da ordem estabelecida. O saber constituído constitui obstáculo à tomada em consideração do que não se inscreve nesse saber. Ele compõe a tela que cativa e captura o olhar sobre os fatos constituídos por ele, mas com a exclusão dos outros fatos que aí não se inscrevem.

No discurso universitário há a questão de equivalência entre os diversos significantes. Como propõe Clavreul (1983, p. 171), o agente do discurso universitário “se dedica a recolher e organizar os significantes S2 S3 e S4 ... entre si, sem privilegiar nenhum deles, e só recolhendo um significante novo se este tomar lugar na ordem de um discurso constituído”. Novamente constata-se a rigidez desse discurso e, mais ainda, sua capacidade de pasteurizar diversos saberes no intuito de fazê-los caber na ordem estabelecida. Em outras palavras, cabe nesse Saber tudo aquilo que corrobora os preceitos preconcebidos. Aquilo que não se adapta é deixado de fora.

Clavreul (1983, p. 79), ao analisar o discurso médico desde Hipócrates e ressaltar sua possível semelhança com o discurso universitário³, considera que sua lógica se sustentaria em um “saber suscetível de dar conta da impotência” e, para tanto, seria preciso “privilegiar certos fatos e afastar o que vai contra esse discurso” (Clavreul, p. 80). Tudo aquilo que não se articula ao seu sistema conceitual, não seria

3 Como já apontado anteriormente, a medicina – tomada como objeto de análise de Clavreul (1983) – assim como outros fenômenos sociais, pode apresentar um ou mais discursos, dependendo – de acordo com a formalização lacaniana – dos elementos que ocupam, em determinada situação, os lugares de agente, outro, produção e verdade.

objeto de análise. Uma interessante constatação desse autor revela que, apesar dos esforços totalitários, sempre haverá um resto que insistirá em não se adequar. “Esses elementos, estranhos ao discurso médico, e no entanto singularmente insistentes, uma vez que é continuamente que os doentes os apresentam ao médico, são verdadeiramente “não fatos” em relação à medicina” (Clavreul, p. 84).

Mas em nome de quem esse Saber é agenciado nesse discurso? Souza (2003, p. 181, grifos do autor) explicita essa questão:

Neste dispositivo de *discurso*, portanto, o Saber resulta do trabalho dos *mestres*, um trabalho que se desenvolve na “casa de estudo dos nobres” ou que se realiza na Academia, constituindo-se num tipo de “conhecimento”. Quem o adquire converte-se num ensinante com poderes, com medalhas, com títulos, com unidades de valor agregado. Uma condição que faz diferença.

Inicialmente, o Saber enunciado é concebido na *Academia*, a partir de uma coerência interna que se restringe a uma perspectiva teórica específica, porém ao se transfigurar em *agente* do discurso universitário ocorre necessariamente uma padronização, reunindo em si mesmo diferentes preceitos – oriundos de diversos campos do conhecimento. Junção essa organizada burocraticamente, de maneira extremamente *dócil*, sem explicitar os possíveis conflitos, tensões e divergências concernentes a esses diferentes saberes. Cabe acrescentar que ao se retirar um postulado teórico de seu lugar de enunciação, sem os devidos cuidados, corre-se o frequente risco de diluição dos enunciados, de tal forma que eles podem perder seu vigor de origem. Como bem assinala Clavreul (1983, p. 171), “não é uma questão secundária a transmissão desse saber, destinado a ser retransmitido apenas parcialmente e após ter sofrido necessariamente uma degradação”.

O que importa nesse almejado acúmulo de conhecimento é a *patente*. Se o Saber enunciado vier acompanhado de uma titulação do autor, será legitimado. Afinal, “é um discurso que se capacita a dar títulos, a dar importância ao autor ou mesmo a preservar esse Saber que está sempre acompanhado do nome de um autor” (Souza, 2003, p. 126). Isso equivale a dizer que, neste dispositivo de discurso, o *sujeito*, com suas idiosincrasias, desaparece em nome do enunciado. Nas palavras de Lacan (1969-1970/1992, p. 111, grifos do autor): “Não pensem que o mestre está sempre aí. O que permanece é o mandamento, o imperativo categórico *Continua a saber*. Não há mais necessidade de que ali haja alguém”. O Saber não tem cara, não tem nome, porém retira dos títulos acadêmicos sua força e poder de convencimento. De acordo com Rodrigues (2017, p. 665), “o discurso universitário, a ideologia da ciência moderna, está calcado em sua pretensa neutralidade”.

É importante ressaltar que Lacan confere ao discurso universitário o estatuto de *discurso da ciência*. Seria próprio da ciência, nessa perspectiva, tomar o sujeito enquanto objeto de conhecimento. Por isso, Lacan nomeia o *outro* do discurso

universitário de “*a* estudante”. Fundamentalmente um aluno-objeto, construído a partir dos enunciados do saber acumulado. Afinal, “trata-se de objetivar, objetualizar para aplicar o saber” (Quinet, 2006, p. 20).

Será bom, será ruim esse discurso? Eu o etiqueto intencionalmente de universitário porque de certa forma é o discurso universitário que mostra por onde ele pode pecar, mas também, em sua disposição fundamental, é o que mostra onde o discurso da ciência se alicerça (Lacan, 1969-1970/1992, p. 109).

Ainda sobre o lugar de objeto conferido ao *outro* nesse discurso, Lacan (1969-1970/1992, p. 111) desdobra essa reflexão criando inclusive um neologismo – “astudado” –, sobre o qual ele esclarece: “O estudante se sente *astudado*. É *astudado* porque, como todo trabalhador – situem-se nas outras pequenas ordens –, ele tem que produzir alguma coisa”. Esse lugar de objeto faz do “*a* estudante” um mero porta-voz que reproduzirá os enunciados construídos sobre ele, o que fatalmente gera um mal-estar, já apontado por Lacan: “O mal-estar dos astudados, entretanto, não deixa de ter relação com o seguinte – apesar de tudo, solicita-se que eles constituam o sujeito da ciência com sua própria pele” (Ibidem).

Martinho (2002, p. 152), em virtude de uma articulação com o campo educativo, se interroga: “O aluno teria se transformado no escravo do saber científico contemporâneo?” Pergunta essa que se respalda na tendência à generalização desse discurso, que toma o *outro* enquanto objeto determinado por uma lei geral, um saber universal. Jorge (1988, p. 147, grifo do autor) é ainda mais explícito e salienta o caráter silenciador desse discurso:

Tomado enquanto objeto, o sujeito não mais tem voz ativa e o silêncio é o que lhe resta. O que ele enunciará, a partir daí, nada mais terá a ver com ele próprio e será, portanto, a reprodução dos enunciados dos quais ele se torna mero porta-voz. Desse modo, a particularidade do *estilo* do sujeito é recusada, e sua enunciação, abolida.

Se o “*a* estudante” silencia e quem fala em seu nome é o saber cristalizado, que visa à universalidade e à univocidade, o que esse discurso quer produzir é um sujeito em conformidade com o saber teórico, escravizado e “radicalmente, dissociado dos significantes primordiais de sua própria história” (Jorge, 1988, p. 146).

Clavreul (1983, p. 83), ainda tomando como referência o saber médico enquanto dispositivo do discurso universitário, argumenta que a preponderância do conhecimento científico em detrimento da fala do sujeito acarreta em “rejeição do discurso do próprio doente”. Como consequência desse apagamento da singularidade, Jorge (1988, p. 146, grifo do autor) problematiza e propõe que “o Discurso Universitário define de modo preciso a ação que está em jogo no processo de *colonização*”, justamente porque “colonizar implica dissolver a diferença que o outro, enquanto falante, presentifica”.

Interessante essa metáfora da colonização para tratar do discurso universitário, já que esse processo implica necessariamente a exploração de um lugar desconhecido, contudo sem se permitir ser indagado por ele. Dito de outro modo, o processo de colonização instaura uma redução do desconhecido àquilo que já se conhece. Nessa mesma perspectiva, podemos acrescentar que diante do desconhecido, é muito tentador (ou defensivo, já que aquilo que não conhecemos pode despertar medo) apropriar-se de um conhecimento legitimado a fim de justificar aquilo que pretendemos ver no outro.

Uma consequência nefasta do laço que se estabelece nesse discurso diz respeito à burocratização que permeia os vínculos entre os sujeitos, em que nenhuma novidade é bem-vinda, visto que provocaria uma ruptura no alicerce do Saber. Com base na reflexão sobre a incidência desse saber cristalizado no “encontro” entre médicos e pacientes, Jorge (1988, p. 45, grifos do autor) considera:

Tais informações, tal saber, constituem o elemento que mediatiza, a partir daí, o que se passará no encontro. Encontro que, portanto, não existe, sendo apenas o ardil para o encontro do médico com seu próprio discurso. Sob a máscara de um *diálogo*, é um *monólogo* que se instaura. Onde se evidencia a *função silenciadora* do discurso médico, que ao se valer apenas dos elementos de seu próprio discurso abole tudo que nele não possa se inscrever.

Quinet (2006, p. 20) explicita que no discurso universitário há uma “divinização do saber”, que é diferente do *desejo de saber*, este sim imprescindível para o avanço dos conhecimentos.

Ao visar o saber absoluto e buscar de forma incessante (e insistente) o “último saber” que explicaria tudo, o discurso universitário, numa completa negação da pluralidade e ambivalência que caracterizam a linguagem, desconsidera que há sempre algo que escapa (felizmente!). A respeito disso, Souza (2003, p. 182, grifos do autor) afirma: “Por uma condição de estrutura, no *discurso do universitário*, a transmissão do “conhecimento” ignora sempre esse *resto* que se mantém, em qualquer relação de ensino”. Ainda sobre esse resto que escapa, cabe aqui apresentar uma história bastante irônica citada por Jorge (1988), acerca do eterno risco do mal-entendido: um certo camponês da Cevênola recebe do médico a prescrição para suspender os medicamentos. O resultado não foi o esperado, já que os medicamentos foram realmente suspensos, porém, no teto da cozinha, como antes se suspendiam na região os alhos para afastar os vampiros. Como já apontava Lacan, a linguagem não é unívoca, mas sim equívoca.

Cumprе salientar que, desde Freud, a psicanálise teria como função apontar a polissemia da linguagem e a impossibilidade estrutural de “dizer tudo”. De acordo com Endo (2008, p. 22),

A psicanálise, que contribuiu decisivamente para agravar a tensa

e perpétua crise do dizer, jamais pensou em limpar, das palavras, o mundo. Ao contrário, enquanto crítica da univocidade suspeita da palavra, ela revelou, na exterioridade do dizer, o reverso da palavra sem fendas [...]”.

Mais ainda: o discurso do capitalista e a tecnociência

Além dos quatro discursos radicais – discurso do mestre, da histórica, do analista e universitário – Lacan formalizou ainda um quinto discurso, cujo matema foi apresentado uma única vez, em uma conferência proferida em Milão, em maio de 1972, embora tenha sido citado muitas vezes anteriormente em seus seminários e em alguns textos.

Utilizando-se dessa nomeação – capitalista – Lacan, de forma assertiva, assume para a psicanálise uma discussão histórica e política. Assim como destaca Souza (2003, p. 133), “a produção desse quinto discurso foi o resultado de algo que sempre o interrogou: o lugar da psicanálise na cultura ou na política e a posição política do analista”. Esse quinto discurso, uma exceção em relação aos chamados discursos radicais, põe em relevo a própria produção capitalista na atualidade.

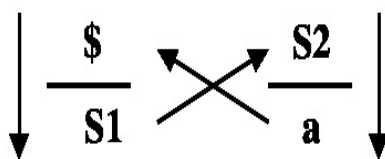


Fig. 6: Matema do discurso do capitalista

De forma muito contundente, Souza (2003) analisa a mudança histórica que possibilitou a passagem do *mestre antigo* para o *mestre moderno*. Passagem essa responsável pelo surgimento do discurso do capitalista.

Em certo momento da evolução do conhecimento, o *mestre* tratou de se apropriar do Saber que era produzido pelo escravo, que ficou mantido por muito tempo nessa posição. [...] Mais tarde, a filosofia, as ciências e, mais próximo de nossos dias, a própria Universidade determinaram um progresso dessa relação, universalizando esse Saber do escravo. [...] O que se constituía num “saber fazer” do escravo, como vimos, foi transformado num “aparelho de saber” para o mestre. Procurava-se, com isso, dar conta dessa passagem que vai de um saber prático a um saber teórico. [...] essa modificação que se realizou no estatuto do Saber pode ser considerada como um acontecimento responsável pela transmutação do *discurso do mestre antigo* naquele do *mestre moderno*, que veio se constituir, segundo Lacan, no *capitalista*. [...] A globalização desse Saber apropriado do escravo, tendo adquirido um estatuto de “objeto” ao qual tem sido agregado um valor de mercado, permitiu deduzir o *discurso do capitalista*. (Souza, 2003, p. 135, grifos do autor)

Interessante salientar que a própria instauração do discurso do capitalista passa – fundamentalmente – pelo discurso universitário, visto que o *saber fazer* do escravo, quando se converte em *aparelho de saber*, universaliza aquilo que era artesanal, irrepetível.

Tal *laço* entre os discursos universitário e capitalista aparece inclusive numa correção que Lacan faz, já que, primeiramente, em *O avesso da psicanálise*, seminário de 1969/70, ele considera que o discurso universitário seria o discurso do mestre moderno, tratando-o inclusive como correlato do discurso da ciência. A correção é feita em 1972, quando ele formaliza o quinto discurso, ao afirmar que o discurso dominante na contemporaneidade é o discurso do capitalista, concebido a partir desse momento como o discurso do mestre moderno. Também em virtude dessa *correção*, Lacan passa a estabelecer articulações muito relevantes entre esse quinto discurso e “a” ciência. Chemama (2002, p. 259) observa que

[...] se Lacan vê no discurso do mestre o que estrutura o capitalismo nascente, ele é sem dúvida levado a perceber, em seguida, que o discurso do mestre não dá conta das formas assumidas atualmente pelo capitalismo contemporâneo e talvez tampouco das formas que determinam o que hoje diz respeito ao sujeito.

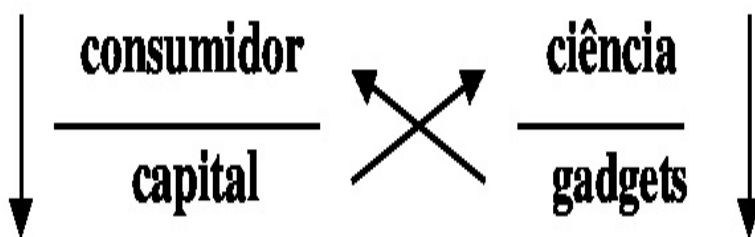
Conceber o discurso do capitalista como uma exceção introduz a ideia de que a lógica estabelecida na matemização dos discursos radicais de alguma forma foi rompida. Uma das vertentes dessa *exceção* que chama a atenção na escrita algébrica desse matema é a ausência de uma seta entre os campos do sujeito e do Outro. Sua presença – nos demais discursos – é o que efetiva o laço social. Em consequência dessa constatação, Jorge (2002, p. 32) sublinha que o discurso do capitalista, “ao contrário dos outros quatro, não faz liame social”. Na mesma perspectiva, Voltolini (2007, p. 67) ressalta que o próprio Lacan marcava a dificuldade em tratar o discurso do capitalista efetivamente como um discurso, “na medida em que a noção de discurso está intrinsecamente ligada ao fazer laço social, enquanto o que se escreve neste discurso é exatamente sua tendência a impedir o laço social: o sujeito se referiria sempre e somente a ele mesmo, se representaria a si mesmo”.

Outra vertente da *exceção*, ainda tomando como referência a escrita algébrica, é a seta ligando diretamente o objeto *a* (no lugar da produção) ao sujeito (no lugar do agente), “que designou um modo particular, inédito na história até então, de relação do sujeito com o objeto” (Voltolini, 2012a, p. 111). Essa ligação direta entre sujeito e objeto, estabelecida por Lacan, aponta um tipo de rejeição da castração, como se fosse possível tamponar a falta que constitui o desejo. Essa falta estrutural, mesmo velada nos outros discursos, retorna no lugar da *verdade* na escrita dos matemas e, por isso, os outros discursos dizem respeito a impossibilidades.

Dito de outro modo, “se nos *discursos radicais* isso [objeto *a*] se refere a um “objeto” que se desloca, que desliza e que, por estrutura, é impossível detê-lo ou

mesmo apreendê-lo, aqui, no *discurso do capitalista*, trata-se de um “objeto” acessível. Isso traz consequências” (Souza, 2003, p. 138, grifos do autor). Rejeitar a castração certamente traz consequências e o efeito pretendido diante dessa tentativa, qual seja, a liberdade irrestrita com a aquisição do objeto que traria a satisfação suprema, visando “estabelecer entre o sujeito e o objeto uma complementaridade sem arestas, o objeto sob medida na linguagem mercadológica, a existência da relação sexual, nos termos lacanianos, o paraíso nos termos bíblicos” (Voltolini, 2012a, p. 111), se revela um verdadeiro engodo, pois “longe de obter a liberdade esperada, ele [o sujeito] cai na escravidão do objeto, este mesmo que ele acreditava possuir, mas que é levado a descobrir que o possui” (Voltolini, 2007, p. 68).

A leitura de Quinet (2006, p. 39) concernente aos elementos do matema do discurso do capitalista, como ilustrado na figura abaixo, fornece subsídios para alguns desdobramentos relevantes. Vejamos como o autor nomeia esses elementos:



Lacan utiliza a terminologia em inglês, *gadgets*, uma gíria tecnológica, cujo significado é dispositivo mecânico ou eletrônico, aparelho, equipamento eletrônico (em geral, pequeno e moderno). Na representação do discurso do capitalista feita por Quinet, ilustrada na figura anterior, vale apontar a ligação direta entre o *consumidor* e os *gadgets*. Nessa perspectiva, é possível reconhecer a extrema sagacidade de Lacan ao buscar um termo tecnológico, lembrando que nos anos 1970 ainda não se vivia o apogeu nessa área, o que efetivamente demonstra o caráter visionário das proposições desse autor. Especificamente no que tange ao discurso do capitalista, o termo *gadgets* ganha contornos específicos, evidenciando-se sua característica efêmera, fluida, como objetos produzidos e ofertados com o intuito de serem consumidos rapidamente, de forma voraz.

São “objetos” que passam a ser fabricados em “mutirão”, como produção industrial cada vez maior e com a expectativa de serem também “melhores” que os anteriores, para satisfazerem um determinado ciclo que passa a obedecer às leis do mercado. Mesmo que se prescreva sua produção, essa condição discursiva revela a impotência destes “produtos” de estancarem a hemorragia causada pelo ciclo destas aspirações sempre multiplicadas (Souza, 2003, p. 140).

Essa marca efêmera dos *gadgets* é o motor mesmo da lógica capitalista que mantém um clima de “apelo incessante para um cada vez mais, mais, mais.....

Objetos não mais regrados pelo fato de que algo falta, mas pela promessa de que nada precisará faltar, porque haverá sempre aqueles, desde que pagos, que estarão pensando no que falta para você!” (Voltolini, 2007, p. 75).

Toda a força do capitalismo advém, justamente, do semblante (e, portanto, ilusório) da possibilidade do acesso de todos a esses objetos. Os proletários acomodam-se enquanto houver a promessa de continuidade de usufruto desse lugar de consumidor. Uma lógica perversa, visto que recusa a ideia mesma da impossibilidade estrutural da oferta e consumo de todos. Souza (2003, p. 141) aponta que Lacan já destacava essa estratégia capitalista, na qual “o mestre distrai o escravo em seu trabalho. É dessa maneira que o escravo moderno, o proletário, goza por produzir e por dispor daquilo que produz. Nesse mecanismo de exploração social fornecido por Marx encontra-se a receita da longevidade do capitalismo”.

No discurso do capitalista, somos convidados a nos relacionar com objetos-mercadoria, balizados pelo dinheiro, e assim ficamos reduzidos ao papel de consumidores. Consumidor de objetos – rápidos e descartáveis – produzidos pela tecnociência. As relações sociais não estariam centradas nos laços com outros sujeitos, mas com objetos. Nossa sociedade está marcada por esse discurso, principalmente quando notamos que a demanda de consumo torna-se cada vez mais premente. Em consequência desse consumo desenfreado, cujo acesso notadamente não é possível a todos, Quinet (1999, grifo do autor) sublinha que o discurso do capitalista segrega, fazendo surgir “os que têm ou não acesso aos produtos da ciência. Trata-se, portanto, de um Discurso que não forma propriamente laço social mas segrega: daí a proliferação dos *sem*: terra, teto, emprego, comida, etc”.

Os imperativos do consumo, da moda, do utilitarismo e do capital não deixam espaço para a falta e o desejo, o que contradiz o conceito freudiano de que somos seres castrados, estruturalmente incompletos. Ao negar a castração, o discurso do capitalista fortalece a ilusão de que o objeto nos completaria. Como bem salienta Chemama (2002, p. 262), “o ideal consumista favorece a crença em um objeto por direito sempre disponível, com a condição de poder comprá-lo, em um gozo sem interdito”.

No discurso do capitalista o *desejo* é rebaixado à categoria da *necessidade* fazendo-nos crer que, como se trata de necessidade, há sempre um objeto que lhe corresponde. Diante disso, o saber se reduziria a um valor de mercado – mercadoria – e a produção constante e frenética de “objetos” passaria a ser almejada por todos. Vale aqui apontar, apesar da diferença em relação às categorias de análise, a contribuição do filósofo Giorgio Agamben (2008, p. 36) no tocante à problemática entre necessidade e desejo. De acordo com esse autor, necessidade é algo “ligado à realidade corpórea, mensurável e teoricamente satisfazível”, enquanto desejo está “ligado à fantasia, insaciável e incomensurável” e ainda acrescenta que ambos “não podem coincidir no mesmo objeto”. De modo ainda mais contundente, Agamben

(2008, p. 37) considera a impossibilidade de pacificação entre necessidade e desejo: “Que a cisão entre desejo e necessidade, sobre a qual tanto se discute hoje, não seja algo que possa ser reconciliado com boa vontade, e tanto menos um nó que uma práxis política cada vez mais cega possa acreditar cortar com um gesto [...]”.

Retomando a teorização lacaniana, também é importante destacar que, segundo Quinet (2006), o lugar do *outro*, no discurso do capitalista, é ocupado pela ciência. A sociedade ocidental contemporânea é dominada por ela e sua incidência direta é perceptível no dia-a-dia de cada um de nós. Souza (2003, p. 183, grifos do autor) argumenta que “as ciências entram em campo para animar o *discurso do capitalista*. Desenvolve-se cada vez mais um “conhecimento” sobre os “objetos”, transformando o “não saber”, de uma impossibilidade estrutural, em falta de informação”. Para Alemán e Larriera (1996), há uma equivalência ontológica fundamental entre o modo de produção capitalista e o procedimento científico. Tudo o que se produz é como mercadoria, factível de ser planejado e calculado.

Voltolini (2012b, p. 19) lembra que nem sempre a ciência se coadunou com um certo tipo de tecnicismo presente na atualidade: “Mesmo o ensino de Lacan conheceu uma época em que a ciência se viu identificada ao discurso da histórica, o que valorizava sua dimensão interrogativa do mundo, sua capacidade de produzir saber ali onde a verdade oculta do sujeito o interrogou”. Utilizando a teorização lacaniana dos discursos para analisar a transmutação ocorrida com o discurso da ciência ao longo da história, constata-se que ele passa de um discurso da histórica, com o qual efetivamente ela “se assemelha mais, por sua estrutura de produção de saber” (Quinet, 2006, p. 19), para se alinhar tanto ao discurso universitário, como já discutido anteriormente, quanto ao discurso do capitalista.

No que concerne a essa transmutação do discurso da ciência, Voltolini (2007, p. 199, grifos do autor) estabelece as seguintes articulações:

Se na época de Galileu a Ciência fascinava pela revolução das idéias, pelo balançar de uma visão de mundo que ela causava, o que nela fascina hoje são certamente os *objetos* que ela põe no mundo. Triunfo inegável da dimensão *Técnica* (aqui com maiúscula para indicar a tendência atual de a discussão técnica emancipar-se de qualquer outra discussão) da ciência sobre sua dimensão investigativa, cujos efeitos não cessamos de experimentar a cada instante. Por essa razão foi necessário se cunhar o nome *tecnociência*, para marcar uma diferença entre o que se configura como atividade científica nos dias de hoje e a atividade científica que já havia primado, numa primeira etapa, pela interrogação do significante mestre (como discurso da histórica), com Galileu, por exemplo; depois, pelo acúmulo enciclopédico dos vários saberes reunidos com vistas a uma totalização (discurso universitário) e que passa agora a funcionar segundo as coordenadas de uma demanda incessante de seus serviços de aplacamento do mal-estar no mundo.

O saber gerado pelo discurso tecnocientífico se torna uma mercadoria, um bem de consumo. Nessa condição, ele passa a ser produzido de forma maciça com o intuito de ser vorazmente consumido, tal como os *gadgets*. Ao se transformar em objeto de consumo, o saber “passou a se constituir numa promessa de satisfação. Na cultura, o *sujeito*, de diversas maneiras, terá os meios disponibilizados para sua aquisição, já que é colocado no lugar de um consumidor” (Souza, 2003, p. 183, grifo do autor). E com a multiplicidade de ofertas acessíveis no mercado, “os vários conhecimentos ganham valor utilitário”, de acordo com Voltolini (2012a, p. 112), com uma conseqüente perda de sentido, pois deixam “de se conectar com o campo desejante, esteio que sempre serviu de lastro para o sentido, para desempenhar um papel acumulador (sublinhemos aqui a relação direta deste termo com a lógica capitalista), com valor dentro do jogo de trocas mais do que de uso” (Ibidem).

Ao obedecer a uma lógica mercadológica, com uma oferta ininterrupta de conhecimentos que geram acúmulo, também se confirma, como bem aponta Souza (2003, p. 137), “uma outra noção que foi lembrada por Lacan como necessária para a mercadoria: a ideia de depósito. É preciso que ele exista para que a mercadoria possa ser estocada”.

O termo *tecnocientífico* explicita a referência à dimensão técnica, todavia, não pode ser confundido com a ciência em sua dimensão investigativa. Lebrun (2004, p. 102) discute o discurso tecnocientífico presente na atualidade, ressaltando a supervalorização da eficácia e o primado da técnica em relação à teoria: “Só resta aprender a ‘gerir’ da melhor forma sua eficácia, a valorizar sua gestão. Permite poupar-se da criação e da invenção”. Esse autor aponta alguns efeitos desse discurso, como sua pretensão universalizante, a legitimidade dos enunciados e a conseqüente exclusão do enunciador e o apagamento do conflito.

Considerações finais

É importante sublinhar que a noção de discurso proposta por Lacan constitui-se num dispositivo que permite não só analisar diversos contextos, como também intervir no campo social, além de se poder “utilizá-los para se fazer uma leitura de certas transformações que têm ocorrido na cultura, sobretudo, levando-se em conta estas novas formas de Saber que têm surgido nesse período da modernidade” (Souza, 2003, p. 181).

A partir dessa perspectiva, é possível apontar que o laço contemporâneo institui uma novidade que tem produzido efeitos. Lacan traduzirá essa *novidade* a partir do conceito de discurso do capitalista. Ao analisar esse discurso, Alemán (2010) aponta que haveria uma metamorfose do capitalismo em técnica. Como bem apontam Pinheiro e Carneiro (2013, p. 435), “a promessa de felicidade imediata, tão presente no discurso tecnocientífico, é uma tentação para um sujeito que já nasce evitando a dor de ser submetido a um limite de gozo”.

Quando a técnica se sobrepõe, o sujeito contemporâneo – despojado de seu legado histórico e herança simbólica – buscaria freneticamente um contínuo acesso ao gozo, rechaçando a castração. Tal *novidade* lacaniana é expressa inclusive no rompimento da lógica intrínseca aos outros quatro discursos: do mestre, da histórica, do analista e universitário. Esses quatro discursos radicais foram concebidos como estruturas mínimas do laço social e foram considerados por Lacan, inicialmente, suficientes. A introdução de *mais um* discurso – do capitalista – evidencia que precisamos nos debruçar sobre os possíveis efeitos discursivos desse novo modo contemporâneo de se relacionar com os infindáveis objetos criados pela tecnociência.

Referências:

- AGAMBEN, G. 2008. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. 1ª reimpressão. Trad. Burigo, H. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- ALEMÁN, J. 2010. *Para una izquierda lacaniana*. 1ª reimpressão. Buenos Aires: Grama Ediciones.
- ALEMÁN, J.; LARRIERA, S. 1996. *Lacan: Heidegger*. Buenos Aires: Ediciones Del Cifrado.
- ANDRÉ, S. 1998. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- CHEMAMA, R. 2002. *Elementos lacanianos para uma psicanálise no cotidiano*. Porto Alegre: CMC Editora.
- CLAVREUL, J. 1983. *A ordem médica: poder e impotência do discurso médico*. Trad.: Colégio Freudiano do Rio de Janeiro – Noujaim, J. G.; Jorge, M. A. C.; Silveira Jr., P. M. São Paulo: Brasiliense.
- ENDO, P. C. 2008. “O psicanalista é um intelectual?”. In: *Pulsional – Revista de psicanálise*. ano 21, n. 3, pp. 19-30, setembro. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pulsional/v21n3/v21n3a03.pdf>>. Acessado em: 24 de março de 2019.
- FREUD, S. 1925/1969. “Prefácio a *Juventude desorientada*, de Aichhorn”. In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Trad.: Salomão, J., v. XIX. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. 1937/1969. “Análise terminável e interminável”. In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Trad.: Salomão, J., v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago.
- GOLDENBERG, R. (org.). 1997. *Goza! Capitalismo, globalização e psicanálise*. Salvador: Ágalma.
- JORGE, M. A. C. 1988. *Sexo e discurso em Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. 2002. *Discurso e liame social: apontamentos sobre a teoria lacaniana dos quatro leituras de O seminário, livro 17, de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- LACAN, J. 1969-1970/1992. *O Seminário – livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- _____. 1972/1978. “Discours à l’Université de Milan, 12-05-1972”. In: *Lacan in Itália (1953-1978)*. Milão: La Salamandra.
- LAJONQUIÈRE, L. 1999. *Infância e ilusão (psico)pedagógica: escritos de psicanálise e educação*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes.
- LEBRUN, J.-P. 2004. *Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- MARTINHO, M. H. C. 2002. “Que lugar para o sujeito na escola?” In: Rinaldi, D.; Jorge, M. A. C. (orgs.). *Saber, verdade e gozo: leituras de O seminário*, livro 17, de Jacques Lacan. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- MEGALE, F. C. S. 2003. “Discurso e laço social”: debates entre a análise de discurso e a psicanálise lacaniana. 335 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MRECH, L. M.; RAHME, M. M. F. 2011. “Psicanálise, educação e contemporaneidade’: novas interfaces e dimensões do laço social”. In: Mrech, L. M.; Pereira, M. R. e Rahme, M. (orgs.). *Psicanálise, Educação e Diversidade*. Belo Horizonte, MG: Fino Traço/FAPEMIG, pp. 13-26
- PINHEIRO, R.; CARNEIRO, H. F. 2013. “A fascinação pelo resto’: o hiper mal-estar na tecnociência”. In: *Tempo psicanal*, Rio de Janeiro, v. 45, n. 2, dez. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382013000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em: 24 de março de 2019.
- QUINET, A. 1999. *A ciência psiquiátrica nos discursos da contemporaneidade*. Disponível em: <http://lacanian.memory.online.fr/AQuinet_Ciencia.htm>. Acessado em: 24 de março de 2019.
- _____. 2006. *Psicose e laço social*. Rio de Janeiro: Zahar.
- RAHME, M. M. F. 2010. *Laço social e educação: um estudo sobre os efeitos do encontro com o outro no contexto escolar*. 452 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- RODRIGUES, J. 2017. “Lacan com Marx em Wall Street, um dia antes do fim: uma análise de Margin Call a partir do encontro da teoria dos discursos lacaniana e da crítica da economia política marxiana”. In: *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. XX, n. 3, set-dez. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/agora/v20n3/1809-4414-agora-20-03-00695.pdf>>. Acessado em: 24 de março de 2019.
- SOUZA, A. 2003. *Os discursos na Psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- VIDAURRE, N. M. L.; MARTELLO, A. 2017. “Pagamos com o nosso corpo? O gozo em jogo no discurso do mestre e no capitalismo”. In: *aSEPHallus*, v. 12, n. 23.
- VOLTOLINI, R. 2007. “O discurso do capitalista, a psicanálise e a educação”. In: Leite, N.; Aires, S.; Veras, V. (orgs.). *Linguagem e gozo*. Campinas: Mercado de Letras.

- _____. 2011. *Educação e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. 2012a. “O conhecimento e o discurso do capitalista: a despsicologização do cotidiano social”. In: *Estilos da clínica*, v.17, n. 1.
- _____. 2012b. “A pedagogia como técnica: psicanálise e rentabilização dos saberes”. In: *Revista Espaço Acadêmico*, n. 131, ano XI, abr.

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.